

**Sob a sombra da samaumeira, uma roda de neopagãos: o
neotribalismo na relação entre religião e espaço público a partir do
Encontro Social Pagão em Belém, Pará¹**

Under the shadow of a tree, a circle of pagans: neotribalism in the
relationship between religion and public space from case of Pagan Social
Meeting in Belém, Pará

Dannyel Teles de Castro²
dannyelecastro@gmail.com

Resumo

O artigo investiga os elementos que se evidenciam através da relação entre as expressões religiosas do Neopaganismo e o espaço público da capital paraense, refletindo sobre os processos de sociabilidade registrados entre os neopagãos na cidade. O fio condutor é a análise etnográfica de três edições do Encontro Social Pagão em Belém, Pará. Realizado mensalmente em um parque da cidade, o evento é responsável por agregar diversos adeptos das religiões neopagãs. Fica evidente a atuação do Encontro Social Pagão enquanto importante agente responsável pela formação de uma comunidade neopagã na cidade, agindo como um catalisador para práticas de sociabilidade entre adeptos. É nesse contexto que se evidencia a natureza afetiva e subjetiva desse agrupamento, pois os sujeitos ali presentes reúnem-se em torno de um sentimento partilhado, o de ser pagão.

Palavras chave: Neotribalismo, Espaço Público, Neopaganismo, Sociabilidade, Novos Movimentos Religiosos.

Abstract

The paper discusses the elements that stand out through the relationship between the religious expressions of Contemporary Paganism and the public space of Belém, Pará, reflecting on sociability processes that occur among the pagans in the city. The thread is the ethnographic analysis of three editions of *Encontro Social Pagão* (Pagan Social

¹ A título de conhecimento, encontro-me atualmente na condição de um dos coordenadores locais da edição paraense do Encontro Social Pagão. Entretanto, a pesquisa etnográfica que culminou na escrita do presente trabalho foi realizada anteriormente a esta condição vir a se concretizar. Observei, somente como pesquisador, três edições do encontro no ano de 2015. Além disso, eu mesmo não sou iniciado em nenhum grupo pagão da cidade de Belém, contexto pesquisado, de modo que, com o exercício da pesquisa etnográfica sobre tais grupos, busco tão somente auxiliar no avanço de conhecimento científico (especialmente no que tange às interfaces entre religião e modernidade), jamais legitimar qualquer tradição religiosa.

² Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará. Bolsista CAPES. Membro do grupo de pesquisa Neoesoterismo e Religiões Alternativas (NERA).

Meeting) in Belém, Pará. Held monthly in a city park, the event is responsible for aggregating many followers of pagan religions. The acting of the *Encontro* is evident as an important agent responsible for the formation of a pagan community in the city, acting as a catalyst for sociability practices among pagans. It is in this context that highlights the emotional and subjective nature of that grouping, because the people who are there come together around a shared feeling of being pagan.

Keywords: Neotribalism, Public Space, Contemporary Paganism, Sociability, New Religious Movements.

Introdução

O Neopaganismo, ou Paganismo Contemporâneo, é um conjunto de expressões religiosas disseminado inicialmente em países da Europa e nos Estados Unidos, sobretudo a partir da década de 1960, na qual as ideologias e as cosmovisões dessas religiões demonstraram-se alinhadas ao fenômeno da revolução cultural que ocorria no momento. A partir desse período, houve uma profusão de grupos neopagãos empenhados em resgatar “saberes ancestrais”, isto é, filosofias religiosas de povos pré-cristãos, mas em uma clara sintonia com certas praxes modernas, como a proposta do movimento ecológico.

Como uma espécie de fé pós-moderna, entremeada pela busca individual do sagrado, o retorno ao “espírito comunitário” e a recusa dos valores socialmente estabelecidos e reconhecidos como hegemônicos, o Neopaganismo é expresso através de diferentes religiões, sendo a Wicca, o Druidismo e o Heathenismo as mais populares.³ Essas religiões não possuem nenhum tipo de poder centralizador, nem textos sagrados que ditam normatizações. A inspiração para essas práticas religiosas é obtida através da leitura das mais diversas orientações, sejam elas estudos arqueológicos, antropológicos, históricos e linguísticos sobre as antigas culturas pré-cristãs, livros de autores neopagãos ou obras ficcionais como “Aradia, o evangelho das bruxas” de Charles Leland, “*The White Goddess*” de Robert Graves, “As Brumas de Avalon” de Marion Zimmer Bradley, além dos livros “Senhor dos Aneis” e “O Hobbit” de J.R.R. Tolkien (Davidsen, 2014). É através do estudo e da leitura dessas fontes que

³ Existem muitas outras formas de Neopaganismo. O destaque dessas três expressões em específico para o movimento encontra plausibilidade na produção acadêmica acerca do tema, assim como em sua maior ocorrência na esfera pública de diferentes contextos. Para citar alguns outros exemplos, temos: Rodnoverie, Hellenismo, Stregheria, Romuva, Religio Romana, Suomenusko, Kemetismo, entre outras religiões.

os pagãos adquirem conhecimento sobre deidades, práticas ritualísticas, crenças sobrenaturais, modos de viver, etc. Naturalmente, o interesse pelo estudo e leitura denotam certo grau de erudição entre os adeptos do movimento.

Devido ao caráter descentralizado dessas expressões, a prática religiosa se dá no âmbito de pequenos grupos autogeridos, isto é, com regras e especificidades estabelecidas somente nos limites dos próprios grupos. Essa característica exprime a natureza extremamente heterogênea das religiões que compõem o Neopaganismo, já que cada grupo interpreta as fontes disponíveis da sua própria maneira. É por isso que existem diversas formas de praticar a Wicca, o Druidismo e o Heathenismo, sendo encontradas várias subvertentes de cada uma dessas religiões (Wicca Gardneriana, Wicca Diânica, Mesodruídismo, Neodruídismo, Ásatrú, Odinismo, Theodismo). Evidentemente, essa pode ser uma zona de conflito e disputas de poder entre grupos com orientações diferenciadas, que buscam legitimar suas práticas. Essas religiões também podem ser praticadas individualmente, e os sujeitos que o fazem são comumente chamados de “pagãos solitários”. Os motivos que levam um indivíduo a praticar de forma solitária costumam ser (a) a falta de grupos ou a dificuldade em encontrar outros praticantes nos arredores e (b) a não-identificação com as práticas, ou mesmo rejeição, dos grupos existentes no local onde o sujeito em questão reside.

Os neopagãos realizam ritos, festivais e celebrações que observam as mudanças cíclicas sazonais, numa busca pela maior “conexão” com a natureza. As divindades adoradas constituem um elemento variante entre os diferentes grupos, podendo ser concebidas como (1) um casal de deuses que refletem a polaridade masculino-feminino e são representados por diferentes deuses e deusas mitológicos, (2) uma miríade de divindades oriundas de uma determinada cultura pré-cristã, ou ainda (3) a crença monoteísta numa única deusa cujos arquétipos englobam divindades femininas de diferentes contextos culturais. Um entendimento que costuma ser comum aos diversos segmentos é o da(s) deidade(s) concebida(s) como imanente(s), não estando em posição transcendente em relação à realidade meta-empírica. Isso significa dizer que os deuses e deusas dos neopagãos são considerados como estando presentes e/ou sendo a própria realidade, isto é, eles fazem parte e são o “todo”; o “todo”, por sua vez, abrange literalmente tudo o que existe. De outro modo, a noção de sagrado imanente, nesse caso, remete a uma “identidade de substância que perpassa todas as esferas do real: os seres

humanos, a paisagem natural, os animais, os mortos e o cosmos” (Oliveira, 2010, p.31). Ainda segundo esta filosofia, todos encontram-se interligados por compartilharem da mesma experiência sensorial.

Uma diferenciação básica entre as práticas de paganismo na contemporaneidade e na antiguidade é que neste último caso elas se davam no campo, simbolizando um aspecto social e cultural dos camponeses, enquanto no caso contemporâneo o paganismo emerge em grandes cidades, estando atrelado a estilos de vida urbanos específicos do contexto moderno (Cordovil & Castro, 2015). No caso europeu, os grupos são formados nas grandes cidades, mas há uma busca pela relação real com o campo, principalmente devido à geografia sagrada dessas religiões ser concentrada no continente (Saunders, 2012). Nesse caso, os grupos neopagãos organizam peregrinações a locais sagrados associados às antigas culturas pagãs, além de realizarem rituais em sítios arqueológicos, em pequenos lugarejos, e em pequenas propriedades rurais onde também vivem outros neopagãos. Diferentemente dos casos norte e sul-americanos e australiano, onde justamente por estarem afastados de suas geografias sagradas reais as práticas dos neopagãos se dá no espaço urbano propriamente dito. Ou seja, encontros, rituais e celebrações são, nesse caso, realizados em espaços verdes como bosques, praças e parques que se localizam nas cidades e nas residências dos líderes desses grupos.

Na cidade de Belém, Pará, diversos espaços públicos são ocupados por grupos neopagãos para práticas religiosas e de sociabilidade. As atividades realizadas por esses diferentes grupos configuram a existência de um *circuito neopagão* na cidade, isto é, um conjunto de locais nos quais os adeptos do Neopaganismo circulam e criam redes de sociabilidades. Uma das atividades realizadas no circuito neopagão de Belém, o Encontro Social Pagão, merece atenção especial por ser o único momento do cenário em que há ocorrência do encontro entre grupos praticantes das três vertentes citadas anteriormente. O ESP, como costuma ser chamado, é uma atividade nacional pertencente ao Projeto Gaia Paganus e ocorre em 22 estados brasileiros e no Distrito Federal. Os objetivos do encontro, segundo o seu site, são: promover a união entre os neopagãos e desmistificar o Neopaganismo.⁴ Dessa forma, o ESP é realizado em Belém mensalmente em formato de roda de conversa em torno de um tema de interesse dos

⁴ Fonte: << <http://gaiapaganus.wixsite.com/gaiapaganus>>>. Acesso em 05/03/2017.

neopagãos. A partir da análise etnográfica de três edições do Encontro Social Pagão, o presente trabalho pretende discorrer sobre elementos que se evidenciam através das relações existentes entre as expressões do Neopaganismo e o espaço público de Belém, refletindo também sobre os processos de sociabilidade que ocorrem entre os neopagãos na metrópole paraense.

O exemplo etnográfico: ESP em Belém

O Encontro Social Pagão foi idealizado por Hellenah Friggdóttir Leão, praticante do Heathenismo, em torno do ano 2001, com a intenção de ser um evento promotor da união entre neopagãos das mais variadas vertentes, nos diferentes estados em que acontece. Não há realização de rituais ou celebrações, pois entende-se que esse tipo de prática pode segregar os neopagãos, sendo que cada uma das expressões religiosas do Neopaganismo possui práticas ritualísticas próprias. No ESP, é pretendido que as pessoas se reúnam em rodas de conversa sobre temas de interesse a todos os neopagãos. De acordo com um texto divulgado na página pessoal da idealizadora no Facebook:

Quem organiza [o ESP]⁵ é sempre orientado a não fazer proselitismo, a apoiar outros eventos na comunidade em geral, a não permitir discussões agressivas, manter o respeito e harmonizar o ambiente para que praticantes das várias vertentes convivam e compartilhem conhecimento e experiências, ou seja, que haja união. Dentre eles estão keméticos, candomblecistas, asatruares, wiccanianos, bruxos e druidas que convivem de forma pacífica e recebem respeitosamente praticantes das várias sendas abraçando a pluralidade que é o paganismo (FACEBOOK, 2015).⁶

Ainda segundo ela, essa união entre os neopagãos é necessária no atual momento político do país: “precisamos agora, nessa hora extremamente delicada para nós pagãos, lutar contra o monstro da intolerância religiosa que está a cada dia mais forte” (FACEBOOK, 2015).

⁵ Grifo meu.

⁶ Fonte: <<<https://www.facebook.com/hellenah.fryggah.leao/posts/10206750811824869>>>. Acesso em 05/12/2015.

O Encontro Social Pagão acontece na capital paraense desde 2012. A sessão local está em sua segunda gestão, e com a troca de coordenadores houve mudança também no local de realização dos encontros, sendo que o ESP era realizado anteriormente na Praça da República e atualmente no Parque da Residência. Ao longo desses três anos de existência em Belém, o evento tem mobilizado a comunidade neopagã da capital em torno de diferentes temas, conforme pude observar em três edições do encontro com as seguintes temáticas, respectivamente: “As fases da Lua”, “Àsátrú” e “Sagrado Masculino”, sendo as duas primeiras na Praça da República e a terceira no Parque da Residência.

Tratam-se de atividades que, conforme o próprio nome do evento denota, são voltadas para a prática da sociabilidade entre sujeitos com pontos de vista e estilos de vida semelhantes, ou seja, centrados no universo do Neopaganismo. Apesar de não ser um evento propriamente religioso, é organizado e frequentado por religiosos, que além de encontrar seus semelhantes, ocupam o espaço público da cidade numa busca por “desmistificar” suas práticas religiosas perante os olhos da sociedade em geral.

De forma geral, os encontros englobam um momento inicial no qual algum convidado ou palestrante neopagão aborda resumidamente aspectos do tema posto em voga, seguido de um debate sobre o tema, no qual todos os participantes costumam acrescentar seus pontos de vista e/ou dúvidas, e um momento final, que consiste em um lanche compartilhado, com alimentos trazidos pelos participantes. Esta última etapa dos ESPs funciona como uma espécie de “piquenique neopagão”, no qual os participantes passam a tratar de temas diversos, não somente do Neopaganismo, mas também de suas vidas pessoais.

O público participante das edições do ESP em Belém oscila entre 10 e 25 pessoas. O fluxo de novos participantes é contínuo, de modo que sempre há novos indivíduos interessados nas expressões do Neopaganismo que passam a circular pelo *circuito neopagão* da cidade (este sendo entendido como a rede de atividades realizadas por diferentes grupos neopagãos na capital paraense). Na tentativa de traçar um perfil dos pagãos da cidade a partir dos frequentadores das atividades do ESP, encontrei a seguinte situação: a maioria deles possui entre 17 e 30 anos, é de origem universitária e integrante das camadas médias urbanas, com equilíbrio entre o número de homens e mulheres.

Na cidade de Belém, verifica-se a presença de grupos praticantes de Druidismo, Heahtenismo e Wicca, e o Encontro Social Pagão aparece como a única atividade que integra o circuito neopagão da cidade capaz de reunir adeptos das três vertentes. Cabe mencionar que não é um hábito usual haver relações entre grupos neopagãos de diferentes orientações. A possibilidade de haver relações entre duas vertentes talvez seja um pouco mais provável; entre druidistas e wiccanos, devido a um calendário litúrgico com certa proximidade, e entre druidistas e *heathens* devido ao estudo mais aprofundado sobre determinadas culturas que essas práticas se propõem (este, por sua vez, é um elemento que coloca os druidistas em conflito com os wiccanos, uma vez que os primeiros acreditam que a Wicca se utiliza de um discurso superficial sobre os celtas). A relação entre wiccanos e *heathens* é especialmente mais complicada, já que os últimos acreditam que a Wicca “universaliza” demais certas práticas, mesclando elementos de diversas culturas em um caldeirão de sincretismos sem fim, ao passo em que os wiccanos geralmente mantêm-se distantes de *heathens* por acharem que eles são “machistas”, ou, no mínimo, possuem “visões patriarcais”.

Uma das edições do Encontro Social Pagão em Belém observadas aconteceu no dia 30 de agosto de 2015, um domingo, na Praça da República. Nesse dia, o local costuma ser tomado por famílias, grupos de amigos, vendedores ambulantes e feiras artesanais. Em meio a esse espaço de lazer dos sujeitos urbanos da capital paraense, uma roda de pessoas vai se formando sob a sombra de uma das samaumeiras⁷ que existem ali, reunindo-se para uma troca de conhecimentos sobre os seus deuses, a relação com a natureza, práticas religiosas, entre outros temas. Na ocasião, druidistas, wiccanos e *heathens* estavam reunidos para uma roda de conversa sobre o tema “Ásatrú”, que foi conduzida por dois adeptos da religião de matriz cultural germânica. Tendo em vista que as diferenças entre cada um dos caminhos devem ser respeitadas e as semelhanças potencializadas, essa edição do ESP chegou ao final com um sentimento fraternal, sinalizando para uma união entre os neopagãos das três vertentes.

Paganismo, cidade e espaço público

⁷ Árvore encontrada em larga escala na Amazônia brasileira, e frequentemente sacralizada pelos grupos pagãos da cidade de Belém. Alguns povos indígenas acreditam que a samaumeira é a “árvore-mãe” da floresta amazônica.

O desenvolvimento da cidade, para Weber (1973 [1967]), está diretamente relacionado à expansão da moderna economia ocidental: o capitalismo. Para este autor, a cidade é, em essência, uma organização autônoma, administrativa e política caracterizada por um critério fortemente econômico. Ou seja, Weber acredita que toda a cidade é um espaço de mercado. A compreensão de cidade para Louis Wirth (1973 [1979]), contudo, está relacionada aos processos sociais amplos em que predomina a diversidade de grupos e atividades. No texto “O urbanismo como modo de vida”, este autor afirma que “uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos” (Wirth *apud* Velho, 1973, p.96).

Para além das relações sociais já estabelecidas em sociedades não-maquínistas, como a família, a empresa, os grupos locais (tais quais a comuna e o pequeno bairro) e as associações de diferentes tipos, Lawue (1973 [1967]) acredita que os processos de industrialização foram responsáveis pelo impacto de novos meios, classes e grupos na dinâmica urbana. Os novos canais de comunicação, segundo esse autor, foram responsáveis pela emergência de uma superficialidade nas relações sociais desenvolvidas no meio urbano, sendo inclusive responsabilizados pelo desenvolvimento do isolamento social. Como resultado da aceleração desses recursos, “os homens se encontram, então, ‘isolados na multidão’, sem poderem, na verdade, compreender os outros profundamente e, sobretudo, se fazer compreender por eles” (Lawue *apud* Velho, 1973, p.120).

De outro modo, pensando com Bauman (2001), caberia afirmar que as relações sociais foram envolvidas por um processo de liquefação, caracterizado por elementos advindos desse desenvolvimento, como a fragmentação da vida humana e a individualização das sociedades. Esse acontecimento ganhou conotações diversas, mas que fazem referência ou a um segundo momento da modernidade (Bauman, 2001; Giddens, 1991) ou a um estado de pós-modernidade (Harvey, 2001; Hall, 2006). É justamente no seio desses eventos e como uma espécie de reação aos avanços da modernidade que emergem grupos sociais diversos na cidade, grandes em número e variedade.

Os novos arranjos sociais que começam a surgir no contexto pós-guerras, em especial, são responsáveis pela produção de referenciais coletivos e sentidos de

pertença, sendo constituídos por práticas cotidianas, gostos e identidades (Moraes, 2014). O fenômeno tem sido estudado sociologicamente através de diferentes vieses analíticos, correlatos ou avessos uns aos outros, sendo mais comum a utilização das categorizações *subculturas*, *culturas juvenis* e *tribos urbanas*. Apesar de não ser uma preocupação comum a todos os atores sociais envolvidos nesses arranjos coletivos, a busca por resistir ou subverter a ordem estabelecida e os valores hegemônicos geralmente é um elemento que costuma permear esses diversos grupos.

É nesse contexto que os grupos neopagãos se apresentam na cidade, ao menos no que tange a um primeiro olhar sobre o fenômeno. No espaço urbano, os neopagãos promovem rituais, rodas de conversa e encontros diversos que, além da prática religiosa, fomentam práticas de sociabilidade. No caso brasileiro, são religiões minoritárias em que se observa um grande número de jovens, apesar de não serem seguidas somente por eles. Em um *survey* realizado na cidade de Recife/PE, Karina Oliveira Bezerra (2012) constatou que, nesse contexto etnográfico, 55% dos neopagãos possuíam entre 21 e 30 anos (sendo que 20% dos entrevistados estavam na faixa dos 10 a 20 anos, mesma porcentagem para o grupo dos adultos de 31 a 40 anos).

O Neopaganismo se manifesta nas cidades brasileiras principalmente em espaços verdes; praças, parques, bosques, museus. Os grupos reúnem-se nesses espaços para diversos fins, seja realização de rituais, rodas de conversa ou vivências. Essas atividades geralmente chamam atenção dos demais sujeitos que circulam nesses locais, de modo que eles param, fitam as rodas de gente, “cochicham” entre si, sempre na tentativa de entender o que se passa ali. Ou seja, uma curiosidade típica das pessoas leigas que se deparam com os grupos neopagãos no espaço público. Como consequência disso, surgem suposições sobre a natureza das reuniões de grupos neopagãos nesses espaços. Um exemplo desse caso ocorreu em uma das edições do Encontro Social Pagão observadas, a do dia 29/11/2015, no Parque da Residência, sobre o tema “Sagrado Masculino”: um dos guardas do local abordou um dos pagãos presentes, indagando-o se aquela roda era composta por artesãos *hippies*; na ocasião, um altar que continha uma máscara alusiva ao Deus de Chifres da Wicca, cartas de tarô, uma pedra, incensos e diversos outros elementos estavam posicionados no centro da roda.

Soma-se a isso o fato de que, nos grupos religiosos neopagãos, a identidade grupal assume uma posição contrária aos paradigmas ocidentais. No Neopaganismo há

algumas ressignificações sociais no que diz respeito à relação com a natureza, às relações de gênero, à sexualidade e à política, responsáveis por atribuir aos grupos pagãos um caráter libertário, quase que anárquico. Ou seja, tem-se um movimento religioso constituído por grupos que rejeitam os valores estabelecidos e hegemônicos, adotados pela sociedade. Essas características induzem o grupo maior no qual esses sujeitos estão inseridos, a sociedade de modo geral, a classificar os grupos neopagãos como *outsiders*, isto é, os neopagãos tendem a ser vistos pelos sujeitos que os cercam como desviantes, transgressores ou subversivos, pois seus ideais fogem à normatização das regras socialmente estabelecidas.

A chamada “sociologia do desvio” tem algo a dizer sobre o assunto. Norbert Elias & John L. Scotson, na obra *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000), buscaram refletir sobre aspectos da relação conflituosa entre um grupo dominante e um pequeno grupo rejeitado pelo primeiro em uma cidade interiorana da Inglaterra, à qual eles atribuíram o nome fictício Winston Parva. O primeiro grupo estava presente na cidade há pelo menos três gerações, enquanto o segundo havia chegado ao local mais recentemente, desencadeando uma estigmatização do último por parte do primeiro. Para os autores, a estigmatização com eficácia de um grupo por parte de outro ocorre quando este desfruta de posições de poder das quais o outro grupo é excluído. Desse modo, essa exclusão dos *outsiders* pelo grupo estabelecido funcionava como uma arma “para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar” (Elias & Scotson, 2000, p.22). Ainda segundo eles,

Atualmente, há uma tendência a discutir o problema da estigmatização social como se ele fosse uma simples questão de pessoas que demonstram, individualmente, um despreço acentuado por outras pessoas como indivíduos. Um modo conhecido de conceituar esse tipo de observação é classificá-lo como preconceito. Entretanto, isso equivale a discernir apenas no plano individual algo que não pode ser entendido sem que se o perceba, ao mesmo tempo, no nível do grupo (Elias & Scotson, 2000, p.23).

Nesses casos, segundo Elias & Scotson, o grupo estabelecido atribui valor e superioridade ao seu estilo de vida, desmerecendo e estigmatizando a visão de mundo e os valores do grupo *outsider*. A reflexão a partir dessa micro-perspectiva empírica, isto é, o campo dos autores (a cidade de Winston Parva), nos diz bastante sobre diversas outras relações sociais em que há um grupo dominante e outro dominado, e esse é o caso das religiões neopagãs. Ou seja, a forma com que os grupos neopagãos são vistos

pela sociedade tende a ser carregada por uma visão conservadora da realidade, na qual os valores hegemônicos encontram certo nível de superioridade respaldado pelas relações de poder já estabelecidas. A partir daí surgem estigmatizações bem específicas, como acusações de que os grupos neopagãos são “seitas satânicas”, “grupos de magia negra” ou estão associados a meras crenças fantásticas em fadas, dragões e gnomos.

Esse tipo de mentalidade ocasiona, no caso dos grupos neopagãos, a intolerância religiosa. Recentemente foi lançado um documentário de 20 minutos, feito pela bruxa Lua Serena e exibido no Fórum Mundial de Direitos Humanos de 2013, no qual neopagãos brasileiros relatam diversas situações de problemas no emprego, na família e, inclusive, na realização de rituais públicos devido ao seu pertencimento religioso. Frente a condutas como essas, surgiram iniciativas de combate à intolerância religiosa por parte de alguns adeptos da Wicca e do Druidismo, através de instituições de caráter nacional como a Igreja Brasileira de Wicca e Bruxaria (IBWB), a União Wicca do Brasil (UWB), a Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca (Abrawicca) e o Conselho Brasileiro de Druidismo e Reconstrucionismo Céltico (CBDRC). Essas instituições atuam, sobretudo, no sentido de normatização e legitimação dessas religiões neopagãs perante o Estado (Terzetti Filho, 2014; Cordovil & Castro, 2015).

O Encontro Social Pagão também aparece como um expoente nessa busca pela abertura ao diálogo inter-religioso por parte dos neopagãos em nossa sociedade. O diferencial, nesse caso, é que não se trata de uma instituição propriamente dita, criada com a intenção de atuar em questões legislativas. O ESP possui um caráter mais comunitário e lúdico, possibilitando a sociabilidade entre neopagãos e, a partir dessa, chamar a atenção da comunidade urbana para a verdadeira natureza das religiões neopagãs. As atividades são promovidas com o intuito de desmistificar os costumes, crenças e práticas das expressões religiosas do Neopaganismo, possibilitando inclusive o interesse de outros religiosos e de não-religiosos nos temas ligados ao universo neopagão.

Nesses encontros, os passantes que circulam pelo local onde o ESP está sendo realizado costumam olhar com curiosidade para a roda de neopagãos, e, em alguns casos, até sentem-se atraídos pelas temáticas e juntam-se a eles para ouvir mais a respeito. Os encontros ganham ampla divulgação no espaço virtual, em páginas voltadas

para o Neopaganismo e também nas páginas virtuais do Comitê Inter Religioso do Estado do Pará e da coordenação do curso de Licenciatura Plena em Ciências da Religião, da Universidade do Estado do Pará. Dessa forma, sujeitos de diferentes pertencas religiosas (hare krishnas, católicos, entre outros), ou mesmo sem nenhuma pertença, também são atraídos para os encontros, possivelmente devido à temática posta em discussão ou ainda para adquirir conhecimento sobre essa pertença religiosa. É possível perceber, assim, que o Encontro Social Pagão em Belém é uma iniciativa que influi positivamente na maneira como a sociedade encara a diversidade.

Tribalismo no mundo contemporâneo

A religiosidade dos grupos neopagãos é exercida cotidianamente, como uma filosofia religiosa que está entrelaçada aos atos mais corriqueiros da vida. Desse modo, as expressões religiosas do Neopaganismo combinam ambos, estilo de vida e prática religiosa. As especificidades desse modo de viver – isto é, os ideais desencadeados pela forma como os neopagãos lêem a sociedade e os problemas por ela enfrentados, o entendimento de uma espiritualidade centrada na natureza, bem como as cosmovisões que admitem – são elementos que influenciam na busca realizada pela comunidade, pelos seus pares, por sujeitos cujos sentimentos de pertença sejam partilhados. Na cidade, essa busca desencadeia diversas redes de sociabilidade a partir da realização de eventos neopagãos que se dão no espaço público, como encontros, rodas de conversa, vivências e rituais. Dentre esses momentos, conforme observado no caso de Belém, o Encontro Social Pagão aparece como um importante veículo de entendimento das redes de sociabilidades nos grupos estudados, justamente por suas edições reunirem adeptos de diferentes vertentes neopagãs. O que se observa, em decorrência disso, é que o ESP funciona como um momento onde os neopagãos encontram-se mobilizados pela expressão de uma pertença comum a todos eles, a de “ser pagão”.

Para caracterizar as novas formas de agrupamento que se desenvolvem no espaço urbano, Michel Maffesoli (2006), em sua obra *O Tempo e as Tribos*, recorre aos termos *neotribalismo* e *socialidade*, pois entende que há um “relativismo do viver, grandeza e tragédia do cotidiano, peso do dado mundano, bem ou mal assumido”

(2006, p.126) responsável por desencadear a formação desses grupos. O autor entende que, diferentemente do termo sociabilidade – geralmente aplicado às relações contratuais, racionais, constituídas de uma formalidade –, a *socialidade* praticada pelos grupos neotribais faz referência muito mais às relações estabelecidas através da afetividade e da subjetividade, resultando em laços que se constituem por meio da sensibilidade.

O estar junto, a troca e o sentimento e experiência partilhados são os elementos que caracterizam o neotribalismo. Nesse sentido, as “tribos” reúnem-se para uma exaltação do presente vivido coletivamente, onde o *feeling* experimentado entre os sujeitos possui uma tendência cunhada por Maffesoli de “orgiástica” ou “dionisíaca”. Ou seja, as vivências ocorridas no interior dos grupos neotribais proporcionam aos seus participantes uma experiência extática que justifica a natureza desses grupos – a busca que os sujeitos modernos fazem por outros sujeitos cujo sentimento de pertença seja partilhado.

[...] não é necessário reduzir o êxtase a algumas situações extremas particularmente tipificadas. O dionisíaco remete, seguramente, à promiscuidade sexual e a outras efervescências afetuais ou festivas, mas também permite compreender a elaboração das opiniões comuns, das crenças coletivas ou da *doxa* comum. Em resumo, são esses “quadros coletivos da memória”, para retomar a expressão de M. Halbwachs, que permitem ressaltar o que é vivido, as “correntes de experiência”. Ao lado de um saber puramente intelectual, existe um conhecimento que integra também uma dimensão sensível, um conhecimento que, mais de acordo com a sua etimologia, permite “nascer junto” (Maffesoli, 2006, p.61).

Nas metrópoles, esses agrupamentos surgem como uma renúncia ao caos urbano, aos efeitos da realidade ocidental, tidos como nocivos. As reuniões aparecem, então, como uma reação aos processos de modernidade, onde busca-se justamente por saberes perdidos e/ou quebrados com a modernização, entre os quais o próprio modo de vida tribal.

Os grupos neopagãos de Belém, sobretudo a comunidade neopagã que se forma no ESP, são estruturados de acordo com a teorização de Maffesoli, sendo possível afirmar então que os processos de sociabilidade entre os neopagãos na cidade são caracterizados muito mais pela *socialidade*. Contudo, há aqui um protagonismo do elemento religioso, diferentemente das tribos urbanas de que fala o autor, nas quais a busca pelo agrupamento não inclui uma fé religiosa entre os elementos centrais. Sendo

assim, no caso dos grupos que compõem o Neopaganismo, é possível compreender que a “nostalgia da comunidade” citada por Maffesoli para caracterizar a essência do neotribalismo faz referência a um tipo de comunidade circunscrita no tempo histórico, isto é, a comunidade pagã dos clãs, reinos e tribos da antiguidade. O elemento motivador dessa nostalgia é justamente a religião, pois, antes de qualquer coisa, esses sujeitos buscam a experiência religiosa.

O termo “tribo”, no contexto proposto por Maffesoli, parece ser perfeitamente aplicável aos grupos neopagãos, ao menos aprioristicamente. O pesquisador Chas Clifton (2006) afirma que as expressões religiosas do Neopaganismo podem ser consideradas como “religiões tribais”, mas não no sentido de buscar o retorno ao modo de vida tribal original e sim pela inspiração e pelo enaltecimento de uma filosofia de povos antigos, que atribui valor ao papel da comunidade, do clã. A própria organização dos neopagãos na cidade evidencia isso. Essas religiões são praticadas geralmente em grupos com nomenclaturas específicas (covens, no caso da Wicca; clãs, no caso do Druidismo e heathens ou kindreds no Heathenismo).⁸ É no interior desses grupos que os neopagãos reúnem-se para celebrações privadas (geralmente realizadas na residência de um dos membros, especialmente na do líder) voltadas para os seus deuses e os ciclos da natureza. Os ritos públicos e as demais atividades realizadas por esses grupos no espaço público constituem uma extensão dessa prática mais privada.

Considerações finais

No espaço urbano, os neopagãos agrupam-se em áreas verdes para a realização de rodas de conversa, vivências e rituais. No caso de Belém, verificou-se que o Encontro Social Pagão, roda de conversa realizada mensalmente na capital, funciona como um elemento importante na compreensão desse processo. Uma vez que suas atividades mobilizam neopagãos das três vertentes mais populares do Neopaganismo (Druidismo, Wicca e Heathenismo), o ESP é responsável pela formação de uma comunidade neopagã na cidade, agindo como um catalisador para práticas de sociabilidade (ou *socialidade*) entre neopagãos. É nesse contexto que se evidencia a

⁸ Há também os “pagãos solitários”, sujeitos que, por escolha própria ou não, praticam sozinhos. Em Belém há diversos desses. Entretanto, para não fugir ao tema proposto neste trabalho, vou me ater aqui aos grupos neopagãos encontrados na cidade.

natureza afetiva e subjetiva desse agrupamento, pois os sujeitos ali presentes reúnem-se em torno de um sentimento partilhado, o de ser pagão.

Além disso, fica evidente que os neopagãos, pouco a pouco, encontram-se em busca de meios para que deixem de ser vistos como *outsiders* pela sociedade em geral. As atividades do Encontro Social Pagão também influenciam na maior aceitação da pluralidade religiosa por parte da sociedade, já que os encontros, realizados em um parque público da capital paraense, possuem caráter lúdico e são responsáveis por despertar o interesse de passantes curiosos e adeptos de outras expressões religiosas.

Sendo assim, verifica-se que na cidade de Belém, em meio à devoção aos santos do catolicismo popular, à emergência de igrejas pentecostais e neopentecostais e à mística imanente das religiões afro-indígenas, adeptos das expressões religiosas do Neopaganismo ocupam espaços públicos e procuram, cada vez mais, seus direitos e reconhecimento enquanto sujeitos religiosos na sociedade.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEZERRA, Karina Oliveira. *A Wicca no Brasil: adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UNICAP, Recife, 2012.

CLIFTON, Chas. *Her Hidden Children: The Rise of Wicca and Paganism in America*. USA: AltaMira Press, 2006.

CORDOVIL, Daniela; CASTRO, Dannyel Teles de. Urbe, tribos e deuses: Neopaganismo e o espaço público em Belém, Pará. *Plura, Revista de Estudos de Religião*, v. 6, p. 116-139, 2015.

DAVIDSEN, Markus Altena. *The Spiritual Tolkien Milieu: a study of fiction-based religion*. PhD dissertation in Religious Studies. Universiteit Leiden, Leiden (Netherlands), 2014.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LAWUE, Paul-Henry Chombart de. A organização social no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MORAES, Lucas Moraes de. “*Hordas do Metal Negro*”: guerra e aliança na cena black metal paulista. Dissertação (Mestrado em Antropologia). USP, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Rosalira. Religiões da terra e ética ecológica. *Horizonte*, v.8, n.17, p.26-44, 2010.

OLIVEIRA, Rosalira de. Religiões da terra e ética ecológica. *Horizonte*, v.8, n.17, p.26-44, 2010.

SAUNDERS, Robert. Pagan places: towards a religioecography of Neopaganism. *Progress in Human Geography*, v.37, n.6, p.786-810, 2012.

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. A institucionalização da Wicca no Brasil: entrevista com a bruxa wiccaniana Mavesper Cy Ceridwen. *REVER*, v.14, n.2, p.279-290, 2014.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.